

Capítulo 6

UM OLÍMPICO PARAOLÍMPICO:

UMA ANÁLISE MIDIÁTICA DA PARTICIPAÇÃO DE OSCAR PISTORIUS NAS OLIMPÍADAS DE LONDRES 2012

Fabio Zoboli

Elder Silva Correia

Cristiano Mezzaroba

Renato Izidoro da Silva

André Marsiglia Quaranta

Eduardo Carvalho

O corredor sul-africano Oscar Pistorius¹ ficou conhecido no cenário esportivo mundial por não ter as duas pernas e utilizar próteses finas, feitas de fibras de carbono. Pistorius foi o primeiro corredor paraolímpico na história do atletismo a competir em uma olimpíada com corredores ditos “normais”. Este feito ocorreu em 2012, em Londres, durante aquela edição dos Jogos Olímpicos. Enquanto muitos elogiam a participação do referido atleta na Olimpíada, outros criticam, gerando uma polêmica em relação à sua classificação para tal evento esportivo, devido às suas próteses, o que configura Pistorius como um ser híbrido na fusão de seu corpo (natural) com a prótese (artificial) – carne e silício.

¹ Aqui é importante destacar que a pesquisa foi realizada antes do acontecimento que repercutiu em fevereiro de 2013 a respeito da acusação de homicídio culposo de sua namorada, a modelo, e também sul-africana, Reeva Steenkamp.

A escolha de Oscar Pistorius para mediar as interlocuções midiáticas que faremos neste texto se deve ao fato do atleta polemizar duas questões que são caras à Educação Física: 1) o contexto limítrofe da segregação/inclusão da pessoa com deficiência no âmbito das competições esportivas; 2) a questão epistemológica que ronda os estudos do corpo na modernidade no que diz respeito à transformação ontológica do humano, colocada em xeque com a ruptura do limiar entre o natural e o artificial – o corpo híbrido.

O *corpus* de análise foram as matérias² referentes ao atleta sul-africano Oscar Pistorius nas Olimpíadas de Londres em 2012 a partir do portal de internet *Globo.com*. O período de observação das informações veiculadas foi de uma semana antes até uma depois do evento esportivo, mais precisamente entre os dias 20 de julho e 20 de agosto de 2012.

Foram encontrados 58 resultados em 5 sites que fazem parte do portal *Globo.com*, assim distribuídos: 21 ocorrências no *Globoesporte*; no *Extra Online*, 12 matérias apareceram; no portal *G1*, surgiram 07; no *O Globo*, 06 matérias; e, por fim, no site *Olimpíadas 2012*, 03 matérias foram encontradas³.

Metodologicamente, tal investigação se caracterizou como um estudo de abordagem qualitativa, pois procurou trabalhar com os “achados” da pesquisa em sua articulação com o “universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2010, p.21). Em relação ao tipo de estudo, trata-se de uma pesquisa descritivo-exploratória (TRIVIÑOS, 2010), pelo desejo em trazer à tona fatos da realidade sem a pretensão de cientificizar ou “buscar uma verdade” (ou comprovar), e sim a descrição e as características daquilo que pôde ser evidenciado no que foi veiculado sobre o atleta sul-africano e sua deficiência/excepcionalidade, ampliando nosso olhar em torno de tal problemática.

2 A coleta foi realizada no dia 10 de fevereiro de 2013.

3 Vale salientar, que estes números inexatos são dados da própria busca dentro do site *Globo.com* e somam 49 matérias a partir da palavra chave “Oscar Pistorius”, nos evidenciando então 9 matérias a menos do que fora anunciado no resultado da busca.

Poderíamos classificar, ainda, que este estudo, a partir do que vem sendo pesquisado e difundido em âmbito nacional em relação a estudos midiáticos, trata-se de uma *análise de produto midiático*, ou seja, os veículos midiáticos (televisão, internet, jornais impressos e *on line*, revistas impressas e *on line*, bem como portais de informação – como o escolhido para esta pesquisa) nos trazem, cotidianamente, uma produção em massa de materiais sobre as diversas dimensões do próprio humano (política, sociedade, entretenimento, esporte, economia, meio ambiente, cultura, lazer etc.). Com isso, podemos apurar nosso olhar ao que é produzido e veiculado pela mídia, a partir de diversos recursos metodológicos ou de técnicas de análises de dados, desde abordagens mais positivistas ou quantitativas, até abordagens mais fenomenológicas ou mesmo estruturalistas, de cunho qualitativo.

Com os dados já coletados, utilizamos a *hermenêutica de profundidade*⁴ (THOMPSON, 1995 *apud* TEIXEIRA, 2008) para tratá-los, objetivando explorar seus sentidos e significados, tanto pelo que está nos textos descritos nas matérias analisadas ou mesmo nas imagens divulgadas no portal pesquisado, isto é, como ocorreu a produção de sentido em relação ao atleta Pistorius.

O texto foi dividido em cinco partes: inicialmente tratamos do sujeito *Oscar Pistorius*, tido como um corredor híbrido; em seguida abordamos a questão do paradesporto como um evento segregado, para, na sequência, abordar a problematização no que tange às discussões da fusão do homem com a tecnologia, a partir do que é visto em Pistorius; finalmente, analisamos os dados coletados em nossa pesquisa em duas etapas, sendo uma que analisa o contexto da inclusão/segregação e a outra que suspende Pistorius como um corpo híbrido – ambas focadas nos discursos midiáticos das Olimpíadas de Londres 2012.

4 Segundo Thompson (1995), para se conseguir fazer esse “desvelamento” do que é produzido pela mídia, a partir da hermenêutica de profundidade, duas fases são essenciais. A primeira, compreender como as notícias são produzidas, transmitidas e recebidas em condições sociais e históricas específicas. A segunda fase consiste na questão formal ou discursiva da hermenêutica de profundidade, ou seja, entender que os objetos e expressões que circulam nos campos sociais são, também, construções simbólicas complexas que apresentam uma estrutura articulada, elas “dizem a respeito de alguma coisa”, seja por imagens, seja por textos.

6.1 Oscar Pistorius: breves considerações

Pistorius nasceu na África do Sul em novembro de 1986 e ficou deficiente aos 11 meses de idade, quando teve suas pernas amputadas na altura do joelho devido a um problema detectado pelos médicos no ato de seu nascimento: Oscar Pistorius não tinha a fíbula (perônio), ou seja, ele não tinha um dos ossos do corpo que dá suporte aos músculos da perna.

Antes de chegar ao atletismo, Pistorius praticou outras modalidades esportivas: tênis, rúgbi e lutas olímpicas. Porém, foi no atletismo que ele se encontrou e se firmou como atleta paraolímpico. No decorrer de suas participações em competições de atletismo para pessoas deficientes, ele ficou conhecido como o atleta paraolímpico mais rápido do mundo. Mas desde que Pistorius começou no atletismo, ele tinha o desejo de competir com atletas que não fossem deficientes.

Sua trajetória como atleta paraolímpico foi de muitos recordes, vitórias e medalhas. Ele conquistou quatro medalhas de ouro em Jogos Paraolímpicos, sendo três delas nas Paraolimpíadas de Pequim em 2008. Ele também é recordista mundial nos 100, 200 e 400 metros rasos na classe T44⁵.

Com o desejo de competir com pessoas não deficientes, ele tentou índice para as Olimpíadas de Pequim em 2008, mas foi vetada a sua participação pela IAAF (Associação Internacional das Federações de Atletismo), que se posicionou contrária à participação dele nos Jogos, devido às suas próteses de fibras de carbono. Segundo a IAAF, o uso dessas próteses daria vantagem a Pistorius sobre os demais competidores, ou seja, alegaram que seria desigual competir caso ele utilizasse essas próteses. Depois deste fato, Pistorius ficou conhecido mundialmente,

5 Utiliza-se essa expressão T44 para identificar a classe referente a cada deficiência. OT (track) = Pista, ou seja, ele corre em pista e a numeração 44 é para indicar o grau de comprimento motor do atleta.

travando uma grande batalha para conseguir a aprovação da IAAF para competir em eventos mundiais e olímpicos.

Como não se conseguiu provar cientificamente que as próteses de Pistorius lhe conferiam vantagem, a Corte Arbitral do Esporte (CAS) anulou o veto da IAAF e deu razão a Pistorius. Com muita insistência e dedicação, ele conseguiu a permissão para competir com pessoas sem deficiência. O Campeonato Mundial de Atletismo realizado em 2011 na cidade de **Daegu**, na Coreia do Sul, foi o palco em que vimos Pistorius quebrar o tabu da segregação de eventos desportivos deficientes *versus* “normais”.

No ano de 2012, Pistorius mais uma vez faz história ao participar dos Jogos Olímpicos de Londres competindo entre os “normais” junto à equipe sul-africana de atletismo. Alguns dias depois, nos Jogos Paraolímpicos, também em Londres, Oscar Pistorius é superado na prova de 200 metros rasos para amputados pelo brasileiro Alan Oliveira. Sua mítica e simpatia são postas em questão quando Pistorius, numa atitude deselegante, não aceita a derrota para o brasileiro e exige análise das próteses de Alan, alegando que elas eram “longas demais”, o que lhe conferiria uma vantagem em relação aos seus oponentes.

Aqui vale mencionar que já em 2007 Pistorius competia em provas de atletismo de cunho regional em seu país junto a atletas “normais”. Porém, isso não repercutia no âmbito internacional, logo, não se tinha a visibilidade que hoje temos das questões que mediavam os jogos tensivos da inclusão/segregação. Por isso, o Mundial de Atletismo de 2011 em Daegu e a Olimpíada de 2012 em Londres são considerados, dentro da história do esporte, como sendo os momentos em que um deficiente rompe com a lógica da segregação para competir com os “mais normais”, ou “menos diferentes/deficientes”.

6.2 Paradesporto: inclusão ou segregação?

O contexto histórico da pessoa deficiente foi mediado por várias fases que giraram em torno de signos que faziam sentido para cada período/época dentro de cada grupo. Desde princípios que norteavam a eliminação do deficiente do contexto social – exclusão material ou simbólica – até as fases posteriores de segregação, integração, adaptação rumo a tão sonhada inclusão foram e ainda são caminhos que a humanidade traça a passos lentos.

A cultura inclusiva pautada no acolhimento e no respeito ao diferente e à diferença ainda se mostra em fase de construção. Seja no ambiente de trabalho, na educação, no transporte público, no direito ao lazer, nas políticas de acessibilidade, nos esportes, etc. Todas estas dimensões sociais passam por momentos de aculturação afinal algumas leis se colocam “forçosamente” em prática bem como na medida em que várias *práxis* que norteiam o âmbito social no que tange as pessoas deficientes vão sensibilizando as pessoas a perceberem novos mundos, novas metáforas para o existir humano onde caiba o diferente.

No contexto esportivo, que neste texto suspendemos para análise, vale mencionar que o esporte para os deficientes surge em 1948, na Inglaterra, com os Jogos de Stoke Mandeville. Ludwig Guttmann foi o desbravador da reabilitação pelo esporte junto a pessoas deficientes.

A história do desporto para pessoas portadoras de necessidades especiais começou na cidade de Aylebury, Inglaterra. A pedido do governo britânico, o neurologista Ludwig Guttmann criou o Centro Nacional de Lesionados Medulares do Hospital de Stoke Mandeville, destinados a tratar homens e mulheres do exército inglês feridos na Segunda Guerra Mundial (COSTA e SOUSA, 2004, p. 30).

Já as Paraolimpíadas – evento maior no que tange o desporto para pessoas deficientes – tiveram seu início em 1960 em Roma e são

realizadas até hoje de quatro em quatro anos fazendo uso das mesmas sedes onde são feitas as Olimpíadas, ou seja, são realizadas depois dos Jogos Olímpicos nos mesmos países/cidades que sediam as Olimpíadas, fazendo uso das mesmas estruturas/ambientes de competição – porém, com as devidas adaptações para melhor acessibilidade. No entanto, é importante ressaltar que os Jogos Paraolímpicos surgem dos Jogos de Stoke Mandeville:

O sonho olímpico de Guttmann viria a se concretizar em 1960, em Roma. Seu colega Antonio Maglio, diretor do Centro de Lesionados Medulares de Ostia, na Itália, propôs que os Jogos Internacionais de Stoke Mandeville se realizassem naquele ano na capital italiana, imediatamente após a XVI Olimpíada, e nas mesmas instalações, surgindo assim os Jogos Paraolímpicos, com a denominação de Olimpíadas dos Portadores de Deficiência (COSTA e SOUSA, 2004, p. 31).

Permitir que os deficientes físicos, intelectuais e sensoriais se envolvam com atividades de cunho desportivo é a base fundante do discurso que a inclusão fomenta para justificar a importância social – e por consequência política – de tais Jogos. Ou então:

Provavelmente a indicação ao paradesporto está atrelada a sua repercussão social, como recurso capaz de amenizar o peso da deficiência, e dessa maneira livrá-los da imagem da invalidez. A carreira de paratleta é o modo encontrado para que o “defeito” físico/sensorial seja compensado. São compreensíveis assim as afirmações de que os paratletas aproveitaram a sua “segunda chance” – proporcionada pelo paradesporto – e obtiveram um “final feliz”. Um desfecho de suas vidas que, de modo paradoxal, possivelmente não seria possível se a tragédia não tivesse acontecido (GONÇALVES, ALBINO e VAZ, 2009, p. 156).

Esta afirmação está intimamente ligada ao que Goffman (2008) sugere quando menciona que o deficiente/estigmatizado pode ver as privações que sofreu e as perdas que teve como uma benção secreta, especialmente devido à crença de que o sofrimento muito pode ensinar a uma pessoa sobre a vida e sobre as demais pessoas.

No entanto aqui podemos levantar algumas questões a fim de estabelecermos tensões ao que nos propomos tratar: a inclusão e a segregação. Em que medida o paradesporto é inclusivo se nele visualizamos competições segregadas apenas a pessoas com deficiências? De igual forma, por que eventos como as Olimpíadas limitam os cegos, os amputados, os paralisados? Sob que tramas de pertencimento se encontram os eventos esportivos e paradesportivos? Em que grau suas políticas se assemelham e se contradizem? Não seria o paradesporto uma adaptação do desporto no que se refere aos valores do esporte: competição, logo, seleção e exclusão? Em que medida o paradesporto serve para promover um discurso moral pautado na superação e no sacrifício como compensação da deficiência? A legitimidade e o prestígio do paradesporto são assegurados por si mesmo ou estão atrelados ao esporte no seu modelo convencional?

A crença tanto dos atletas “deficientes” como de seus treinadores de que o sucesso no esporte minimiza o processo histórico de discriminação e leva ao reconhecimento social é um grande equívoco, porque se assim o fosse nossos medalhas de ouro paraolímpicos seriam ídolos nacionais ou garotos-propaganda de inúmeras empresas. Não recordamos de termos visto, ao longo dos últimos anos, medalhistas “deficientes” fazendo propaganda de tênis, camiseta ou bebidas energéticas, como ocorre com os atletas considerados “normais”, no máximo que a mídia nacional tem feito é utilizado os resultados tido pelos deficientes como exemplo de vida e dedicação (CARMO, 2006, p.56).

Não estamos aqui afirmando que as pessoas deficientes não sabem fazer esporte, ou que deva ser negado a elas esse direito. Muito menos estamos querendo induzir que o esporte não atribui valores e melhora o contexto global da qualidade de vida destas pessoas. Para nós, a prática da atividade esportiva para pessoas deficientes é tão importante como para as demais pessoas e são atravessadas pelos mesmos valores e princípios.

Porém, o que aqui acusamos é esse idílio fantasioso que é criado para justificar os jogos para esse público, esse ranço histórico de se falar de igualdade e de inclusão quando se tem como pano de fundo questões de cunho histórico permeado pelo estigma da exclusão e do desrespeito à condição de diferença. Já que a igualdade – no que tange a condição humana – é fantasiosa, que seja respeitada então a diferença, que se criem possibilidades para que o acolhimento e o respeito à diferença sejam contemplados.

Os valores da inclusão estão pautados no contexto do reconhecimento da diferença e no respeito à ela. Respeito este que só brota do conhecimento das diferenças através do conviver – “viver-com” –, da abertura, da relação, do relacionar-se. A essência da inclusão:

Reconhece em cada ser humano, em cada corpo humano, a singular diferença que não se repete no universo, logo reconhece a preciosidade de cada um e, por conhecer, acolhe, e por acolher, valoriza e, porque valoriza, compromete-se e, ao comprometer-se, afirma essa singular existência humana, esse corpo singular como potencialidade, infinita potencialidade. E porque comprometido, valoriza e porque valoriza, acolhe, e porque acolhe viabiliza, afirma, promove, respeita, encanta-se e encontra-se, misturam-se em afetos, sonhos, produções e ações coletivas a favor da vida, em sua multiplicidade e infinitas possibilidades que se metamorfoseiam e se transformam a cada instante (TRINDADE, 2002, p.87).

Neste sentido, Oscar Pistorius assume centralidade, pois mesmo não tendo duas pernas como os ditos “normais” ele quer ser tratado como “normal”. Sua participação no contexto não segregado causa incômodo na medida em que são mediados discursos de que o atleta não seria suficientemente humano para competir com os “normais”, pois, suas próteses de fibra de carbono lhe atribuem vantagem.

É como nos menciona Goellner e Silva (2012, p.199) “com seu corpo eugenizado pela biotecnologia, Pistorius assusta ao reivindicar o direito de competir junto aos obsoletos corpos, meramente humanos”.

Andrade (2009) apresenta em seu texto uma fala proferida pelo diretor de desenvolvimento da Federação Internacional de Atletismo, Elio Locatelli, em relação ao caso Pistorius. Locatelli recomenda Oscar Pistorius a se concentrar nas Paraolimpíadas alegando em tom irônico que: "Isso afeta a pureza do esporte. Em seguida virá outro aparelho com o qual as pessoas conseguem voar com algo preso nas costas". Porém, essa fala foi menos virulenta que a outra também apresentada por Andrade (2009) proferida por Robert Galey, da Faculdade de Medicina da Universidade de Miami:

Eles estão preocupados que não haja uma vantagem injusta? Ou estão discriminando devido à pureza das Olimpíadas, porque não querem ver um homem deficiente na mesma altura de um homem não deficiente, temendo o que significaria para a imagem do homem a vitória de uma pessoa que não possui um corpo perfeito?

A inclusão do diferente, que precisa ser, a nosso ver, um desafio constante no contexto esportivo, não se trata apenas de aceitar um diferente em nosso meio. Esta, segundo Forest e Pearpoint (1997, p.138), é a menor parte do quebra-cabeça. Para estes autores:

Inclusão trata, sim, de como nós lidamos com a diversidade, como lidamos com a diferença, como lidamos (ou como evitamos lidar) com a nossa moralidade (...) inclusão não quer absolutamente dizer que somos todos iguais. Inclusão celebra sim, nossa diversidade e diferença com respeito e gratidão. Quanto maior a nossa diversidade, mais rica é a nossa capacidade de criar novas formas de ver o mundo (...) inclusão é reconstruir nossos corações e nos dar as ferramentas que permitam a sobrevivência da humanidade como uma família global.

O que assemelha o esporte do paradesporto são os jogos de exclusão no que diz respeito à sobrevivência dos mais fortes e aptos, pois, apesar do paradesporto se apresentar para o deficiente, sempre vence o que entre os deficientes é o mais eficiente.

Assim como no esporte convencional, no paradesporto também é vitorioso somente o mais veloz, o mais forte, o mais ágil. A diferença é que velocidade, força e agilidade aparecem entre próteses, vendas nos olhos e outras adaptações estruturais (GONÇALVES, ALBINO e VAZ, 2009, p. 161-162).

O esporte, especialmente o de alto rendimento, carrega consigo a característica da exclusão, fruto de um mecanismo competitivo que ressalta a vitória, deixando para trás inúmeros atletas com seus corpos “quase fortes”, “quase velozes”: seres à margem, distantes do ponto mais alto do pódio (GOELLNER e SILVA, 2012, p.192-193).

No entanto, o que se percebe no contexto do paradesporto é uma exacerbação em relação aos emblemáticos discursos do exemplo da superação, da “volta por cima”, da redenção. Um discurso mediado pela mítica do herói e que por vezes acaba sucumbindo ao próprio desporto um posto de inferioridade frente ao paradesporto. Gonçalves, Albino e Vaz (2009, p.157) retratam com muita propriedade tal situação.

As olimpíadas são inferiores às paraolimpíadas, uma vez que o esporte por si só não basta. É preciso que haja sofrimento, a perda, uma morte (neste caso de um membro do corpo ou da visão, por exemplo). Tais elementos enriquecem, ou ainda prevalecem sobre o espetáculo (parad)esportivo. Por outro lado, esse discurso sugere ser inferiores o sofrimento, a dedicação e a perseverança que, mesmo que não estando atrelados a uma amputação, circunscrevem o universo do esporte.

Além disso, o paradesporto parece ter uma dependência frente ao esporte pois sua origem é o próprio desporto, ou seja, ele é adaptado. Desta forma “o paradesporto não tem o objetivo de romper com a estrutura desportiva, pelo contrário, quanto mais próxima, maior sua legitimidade” (GONÇALVES, ALBINO e VAZ, 2009, p.159). Prova disso é que todas as modalidades são adaptadas com exceção do *goalball*⁶ que

6 O goalball é um jogo praticado por atletas cegos e tem como meta arremessar uma bola com guisos com as mãos no gol do adversário. Cada time joga com três jogadores e todos os atletas usam vendas nos olhos. A metragem da quadra é de 18m x 9m e os goleiros ficam ao fundo totalizando os 9m de fundo, sendo que as balizas medem 1,30m de altura. A bola deve ser lançada com as mãos pelo chão para que o som do guiso seja ouvido a fim dos atletas adversarios poderem efetuar a defesa.

é uma modalidade que se originou da própria cultura das manifestações corporais dos cegos.

Assim, adaptam-se regras, os modos de execução dos fundamentos e tudo mais a partir do que é hegemônico, desta forma tenta-se adequar o inadequado. De tal modo tudo fica parecido, tudo fica igual, com os mesmos valores, as mesmas crenças. Será que não dá para se criar formas esportivas diferentes para que seja contemplada a própria diferença humana?

Advogar a adaptação significa, em última análise, defender a hegemonia de um corpo de conhecimentos sobre o outro [...] Essa conduta serve muito mais para perpetuar os conhecimentos sobre os esportes e as mazelas daí decorrentes do que para explicitar o princípio da diferença e da desigualdade na tentativa de buscar novos conhecimentos buscando a superação deste quadro social segregado em que vivem os deficientes (CARMO, 2006, p.55).

Acreditamos estar numa fase transitória do que se apresenta em termos de inclusão e paradesporto. Em breve, esperamos que seja comum o participar partilhado dessas práticas esportivas onde não haja barreiras de inserção, até porque acreditamos que a tecnologia vai cada vez mais potencializar o humano no sentido de deixá-lo menos a mercê de suas fragilidades oriundas de sua animalidade, de sua fraqueza e precariedade frente à vida. Ou seja, acreditamos que a translação a permear o contexto dos corpos cada vez mais estarão ligadas às metamorfoses biotecnológicas que visam sua potencialização nos mais diversos âmbitos/segmentos da vida. Porém, tal como a inclusão, é um modelo ainda a ser aculturado. Ambas precisam superar seus condicionantes históricos.

6.3 Pistorius: um corredor híbrido

Como mencionamos acima, Oscar Pistorius, além de quebrar com os paradigmas do processo de segregação/inclusão, também colocou em xeque a natureza humana no sentido de metamorfosear seu corpo com a máquina – próteses. Os estigmas históricos de um corpo deficiente/aleijado somaram-se ao nascente estranhamento do homem que se funde com o silício e o carbono, ou seja, com a natureza híbrida oriunda da tecnologia.

O corpo desse atleta inquieta e desestabiliza representações, uma vez que avança pelos limites de sua reconstrução, enfrentando, a partir da intervenção tecnológica, as tensões de um campo de disputa entre natureza e técnica, do instrumental ao biológico e nos remete a tentar perceber a intencionalidade humana em apropriar-se da técnica, a fim de garantir a própria existência (NOVAES, 2009, p. 165-166).

Como território de múltiplos significados e transgressões, este corpo – meio monstro, meio ciborgue – carrega o emblema hegemônico da diferença e desliza contemporaneamente entre as fronteiras de sua materialidade. Um corpo diferente, marcado, ao mesmo tempo, pela deficiência, pela performance e pela tecnologia (NOVAES, 2009, p. 170-171).

Sua participação no contexto não segregado causa incômodo, pois são mediados discursos de que o atleta não seria suficientemente humano para competir com os “normais”, pois suas próteses de fibra lhe atribuem características híbridas da fusão homem/máquina.

Pela manipulação por meio da técnica, o corpo cada vez mais foi sendo alvo de domínio da técnica. O corpo se transformou sob as condições que as ciências/tecnologias lhe oportunizam para transcender sua natureza. O ser humano não aceitou o corpo que “Deus lhe deu”, na busca de transcendê-lo, ele criou a ciência, que o oportunizou técnicas para superá-lo. Assim, a técnica/tecnologia constantemente

está buscando dominar e ultrapassar as fronteiras do corpo humano, tornando-o “[...] escaneado, purificado, gerado, remanejado, renaturado, artificializado, recodificado geneticamente, decomposto e reconstruído [...]” (LE BRETON, 2003, p. 26). Assim, cada vez mais a biotecnologia está visando penetrar/invadir/metamorfosar a organicidade do corpo, não mais normalizando suas funções, mas sim ampliando, transpondo, potencializando, transcendendo essas funções. Ou seja, pela técnica busca-se sanar a precariedade do corpo enquanto natureza.

Em meio a essa simbiose “corpo/tecnologia”, o ser humano vai incorporando realmente em seus corpos essas tecnologias, resultando em novas configurações – o híbrido. São corpos virtualizados via informática, corpos reconstruídos por meio de próteses biônicas de última geração, corpos modificados geneticamente, em suma, corpos híbridos. Neste sentido, compactuamos com Tadeu (2009) quando menciona que uma das características mais notáveis de nossa era é precisamente o promíscuo acoplamento do ser humano com a máquina.

Do lado do organismo: seres humanos que se tornam, em variados graus “artificiais”. Do lado da máquina: seres artificiais que não apenas simulam características dos humanos, mas que se apresentam melhorados relativamente a esses últimos (TADEU, 2009, p. 11).

Sendo assim, cabe-nos deixar claro ao leitor que neste estudo o “corpo híbrido” é caracterizado pela fusão corpo/tecnologia, seja ela dada no âmbito da virtualização, robótica (produção de sistemas capazes de comportamentos autônomos), biotecnologia (manipulação de componentes dos seres vivos) e nanotecnologia (fabricação de dispositivos moleculares). Amparados nessa hibridação do corpo/natural com a tecnologia/artificial percebemos o uso em nosso entorno de expressões tais como biocibernético, ciborgue⁷, corpo protético, pós-orgânico, pós-biológico, dentre outros. Para Haraway (2009, p.37),

7 O termo ciborgue deriva de cyborg, que é a abreviatura de cybernetic organism. Kybernetes vem do grego, que significa “o homem que dirige”.

“no final do século XX, neste tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos em suma, ciborgues”.

Não podemos negar que estas novas tecnologias ligadas ao corpo estão causando polêmicas no que tange às fronteiras do humano, confundindo inclusive sua ontologia, afinal, o que caracteriza a máquina nos faz pensar aquilo que caracteriza o homem. Essa realidade vem fomentando estudos epistemológicos que giram em torno do corpo e sua ontologia. Afirmamos isso sustentados em Contreras (2011, p. 139), quando menciona que a hibridação do corpo *“corresponde a toda una ontología e una epistemología, que hunde sus raíces en los câmbios en la representación de los objetos de la natureza y de la tecnologia – los seres vivos y las máquinas”*.

Ainda neste sentido, Santaella (2004, p. 31) cita que:

A mistura crescente entre o vivo e o não-vivo, o natural e o artificial, permitida pelas tecnologias, atinge hoje um tal limiar de ruptura que faz explodir a própria ontologia do vivo [...]. Eis, portanto, a considerável ruptura filosófica e cultural que enfrentamos. Quando o corpo e todos os seres vivos tornam-se informação codificada, o que permite a manipulação e replicação da própria vida, é a transformação ontológica do humano que está em jogo.

O corpo híbrido fez nascer novos binários: natural/artificial, carne/silício, real/virtual, homem/máquina. Binários esses que vêm não só se somar a tantos outros já históricos; muito mais que isso, eles vêm ressignificar os mesmos: corpo/mente, natureza/cultura, sujeito/objeto. Alguns deles já são descritos como sepultados ou jogados ao lixo: “complexos híbridos de carne e metal que jogam conceitos como ‘natural’ e ‘artificial’ para a lata do lixo. Essas redes híbridas são os ciborgues e eles não se limitam a estar a nossa volta – eles nos incorporam” (KUNZRU, 2009, p. 24).

O filósofo francês Michel Serres compactua com tal entendimento, quando, ao versar sobre o corpo híbrido, ele anuncia que este soluciona o velho problema do acordo ou da síntese entre natureza e cultura:

Nada mais “natural” do que o gesto de instalar um equilíbrio distante de uma antiga estabilidade, e isso porque a palavra natureza significa, justamente, um nascimento, e o processo em questão descreve o nascimento da própria vida a partir do inerte preso na armadilha do segundo princípio da termodinâmica; mas a repetição do processo projeta a história, essa mesma história que nos separa da evolução vital, bacteriana, vegetal ou animal. A cultura começa pela natureza; ela é a própria natureza, cuja continuidade se dá por outros meios. Por isso, a cada etapa, ela se torna irreconhecível. Não teríamos jamais nos transformados nos homens que somos sem o treinamento (SERRES, 2003, p. 46).

Sob esse viés, é inerente o entendimento de que essa ideia de potencializar o corpo pela tecnologia não é recente, ela “compõe o imaginário de diferentes culturas que, há muito tempo, buscam superar a finitude, a condição de animalidade e a precariedade do corpo e da vida” (GOELNER e SILVA, 2012, p.189). Não podemos reduzir a ideia de tecnologia de potencialização de corpos humanos simplesmente aos fios de silício e às próteses de carbono, nem às intervenções de cunho genético que fazem de nossa “herança divina” um mito em desconstrução, nem tão somente as cirurgias plásticas de modelagem ou reparação funcional ou estética.

A era do ciborgue é aqui e agora, onde quer que haja um carro, um telefone ou um gravador de vídeo. A era do ciborgue não tem a ver com quantos *bits* de silício temos sob nossa pele ou quantas próteses nosso corpo contém. Tem a ver com o fato de Donna Haraway [assim como qualquer outra pessoa] ir à academia de ginástica, observar uma prateleira de alimentos energéticos para *bodybuilding*, olhar as máquinas para malhação e dar-se conta de que ela está em um lugar que não existiria sem a ideia do corpo como uma máquina de alta performance (KUNZRU, 2009, p. 23).

A fusão com a tecnologia faz nascer novas significações sobre o pensar/agir e sentir o corpo. *“Al transformar la naturaleza, el hombre no solo produce cosas, sino que también produce de cierta forma sus propios sentidos, les da nuevas propiedades, produce sus sentidos como sentidos humanos”* (CONTRERAS, 2011, p. 131). Neste sentido, acreditamos que se faz necessário uma ressignificação do olhar no que tange à visualização dessas novas manifestações corporais que se apropriam do humano. Mudar as estruturas de significação nos modos de concebê-lo é também parte de um processo de mudar suas relações.

Esse movimento de ressignificar acontecerá quando novas metáforas forem dando bases para que o híbrido não nos cause mais espanto e se naturalize – afinal ele é artefato humano. Acreditamos que em breve esse estranhamento será exaurido e aos poucos se perderá na medida em que for não só algo subjetivado, mas também quando se tornar uma constante nas suas mais variadas manifestações e contextos. Afinal, o corpo só existe enquanto linguagem e signo. Desta forma, enquanto a ciência e os seus coadjuvantes técnicos avançam no sentido de criar novos sentidos para o corpo, cabe a nós humanos sempre ressignificar a resposta à pergunta: o que é corpo? Pois, como alerta Serres (2003, p. 41):

O que é corpo? Ele não existe; existia, mas não existe mais, pois vive inteiramente na modalidade do possível. Apenas uma lógica modal permite apreendê-lo; ele sai da necessidade para entrar no possível. Eis a melhor definição que se pode dar: o corpo é um virtual encarnado.

6.4 Esporte e deficiência: as tensas interfaces entre segregação e inclusão

A partir de agora, trazemos para discussão os dados encontrados no *Portal Globo.com* no período de 20 de julho a 20 de agosto de 2012 que fazem menção a Pistorius no que tange as interfaces entre segregação e inclusão no contexto esportivo. Em relação às 49 reportagens recolhidas no período de coleta, 39 delas fizeram menção específica a Oscar Pistorius e às questões da segregação/inclusão.

No *momento pré-evento* foram notórios os comentários ligados à participação de Pistorius anunciando o ineditismo de um atleta paradesportivo estar entre os atletas normais em nível olímpico. No entanto, os dados ficaram muito reduzidos a mencionar que Pistorius faria história no atletismo por ser o primeiro atleta a participar de uma competição olímpica junto a atletas “sem deficiências”. Abaixo seguem três reportagens que deixam transparecer tal situação:

Com 25 anos, ele será o primeiro atleta biamputado a disputar uma edição das Olimpíadas, e sua participação divide opiniões⁸.

O Oscar Pistorius (atleta sul-africano), por exemplo, é o primeiro biamputado a participar de uma Olimpíada⁹.

Pistorius é o primeiro biamputado da história a disputar os Jogos Olímpicos. O meio fundista alcançou o índice para disputar os 400m duas vezes, mas a Federação Sul-africana de Atletismo considerou válidas apenas as marcas cravadas até três meses antes da competição, o que não era o caso do “Blade Runner”¹⁰.

8 Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2012/07/oscar-pistorius-rebate-criticas-e-pede-chance-para-o-publico-em-londres.html>. Acesso: 10 de fevereiro de 2013.

9 Disponível em: <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2012/07/ex-bbb-fernando-fernandes-sonha-participar-de-uma-olimpiada-e-viavel.html>. Acesso: 10 de fevereiro de 2013.

10 Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2012/08/iaaf-libera-oscar-pistorius-para-correr-em-qualquer-posicao-no-revezamento.html>. Acesso: 10 de fevereiro de 2013.

Como se percebe, as notícias veiculadas pelo portal *Globo.com* se reduziram a informar o âmbito histórico (quase momentâneo) do acontecimento e em momento algum adentraram em questões mais amplas que discutissem a segregação e a inclusão da pessoa com deficiência no universo esportivo. Durante o evento olímpico percebemos mais uma vez que foi dada muita ênfase ao ineditismo da participação de um paratleta entre os atletas olímpicos.

O sul-africano Oscar Pistorius fez história na manhã deste sábado no Estádio Olímpico de Londres. Ao correr a primeira bateria da eliminatória dos 400m rasos, ele se tornou o primeiro atleta amputado da história a competir no atletismo nos Jogos Olímpicos. Sem a parte inferior das duas pernas, ele corre com o auxílio de próteses de fibra de carbono¹¹.

O sul-africano Oscar Pistorius fez sua estreia em Olimpíadas neste sábado e, para o comentarista do SporTV Lauter Nogueira, teve um ótimo desempenho em sua primeira prova. Biamputado, o tetracampeão paralímpico ficou em segundo lugar em sua eliminatória, nos 400m rasos, com o tempo de 45s44¹².

Primeiro atleta biamputado a disputar as Olimpíadas, o sul-africano Oscar Pistorius fez história do Estádio Olímpico de Londres. Com o tempo de 45s44, ele avançou às semifinais da prova dos 400m. Com duas próteses, o "Blade Runner" passou com 16º melhor tempo e disputa uma vaga na final neste domingo, às 16h50m (de Brasília)¹³.

No atletismo mais um fato histórico nestes Jogos. Numa das eliminatórias dos 400m, o sul-africano Oscar Pistorius, que corre com próteses de fibra de carbono no lugar das pernas, se classificou para as semifinais da competição. Esta é a primeira vez que um atleta paralímpico disputa uma Olimpíada¹⁴.

-
- 11 Disponível em: <http://extra.globo.com/esporte/oscar-pistorius-faz-historia-avanca-semifinais-nos-400m-rasos-5691141.html>. Acesso: 10 de fevereiro de 2013.
- 12 Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/programas/boletim-sportv/noticia/2012/08/oscar-pistorius-fez-grande-tempo-e-ainda-se-poupou-diz-comentarista.html> - Acesso: 10 de fevereiro de 2013
- 13 Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2012/08/biamputado-pistorius-avanca-semifinais-dos-400m-em-londres.html>. Acesso: 10 de fevereiro de 2013.
- 14 Disponível em: <http://extra.globo.com/esporte/oitavo-dia-olimpico-dia-das-selecoes-brasileiras-masculinas-5695824.html>. Acesso: 10 de fevereiro de 2013.

Atrelado à exaltação do ineditismo de Pistorius – como um atleta que fez história nas Olimpíadas – percebemos a polêmica que envolveu tal participação. As polêmicas giram em torno de duas questões: a) uma suposta vantagem que Pistorius teria ao correr com próteses no lugar de pernas; b) as possíveis causas de acidentes que podem ser geradas caso outros competidores entrem em contato com as próteses de Pistorius. A polêmica do risco de acidente se justifica principalmente quando o atleta corre o revezamento em que as raiais para atletas que participam da equipe para além da primeira passagem são livres podendo assim acarretar contato – na parte posterior do texto em que analisaremos o corpo híbrido daremos maior foco a estas duas questões de fundo polêmico.

A seis dias da abertura oficial dos Jogos Olímpicos de Londres, a presença do sul-africano Oscar Pistorius na prova de revezamento 4x400m já pode ser considerada uma das principais fontes de polêmica do evento esportivo¹⁵.

Lenda do atletismo mundial, o americano Michael Johnson, vencedor de quatro medalhas de ouro em Jogos Olímpicos, foi um dos responsáveis por aumentar a polêmica em relação à presença de Pistorius em Londres-2012. O recordista olímpico dos 400m afirmou à imprensa que o sul-africano teria vantagens explícitas em relação a outros competidores por causa das próteses. O “Blade Runner” contesta a opinião de Johnson e garante que o ex-corredor se baseou em projeções de tecnologias que ainda não são usadas¹⁶.

O sul-africano Oscar Pistorius, que teve as duas pernas amputadas, correrá na terceira etapa da prova de revezamento 4x400 metros dos Jogos de Londres nesta quinta-feira. No Campeonato Mundial do ano passado, na Coreia do Sul, a laaf (Associação Internacional de Federações de Atletismo na sigla em inglês) afirmou que Pistorius, que nasceu sem a fíbula de ambas as pernas e corre com duas próteses de fibra de carbono,

15 Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2012/07/oscar-pistorius-rebate-criticas-e-pede-chance-para-o-publico-em-londres.html>. Acesso: 10 de fevereiro de 2013.

16 Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2012/07/oscar-pistorius-rebate-criticas-e-pede-chance-para-o-publico-em-londres.html>. Acesso: 10 de fevereiro de 2013.

tinha que disputar a primeira etapa, que é corrida em raias, por preocupações com a segurança dos outros atletas durante as trocas de posição do revezamento¹⁷.

Outro dado fortemente disseminado nos noticiários foi o discurso da superação. Interessante percebermos os modos como a mídia em geral (mas aqui em específico nas reportagens abaixo selecionadas) lida com a superação:

Desde jovem, o sul-africano Oscar Pistorius não deixou que sua limitação física fosse um obstáculo para o sucesso. Até o preparador físico do atleta levou algum tempo para perceber que ele não tinha pernas¹⁸.

Não pode ser verdade que um jovem sem as duas pernas tenha se tornado multicampeão paralímpico e também tenha ido, pasmemos, para as Olimpíadas. E ido para competir em alto nível, não apenas para dar um exemplo de vida¹⁹.

Aos 13 anos, ele já superava limites na pista de grama do colégio e sua determinação chamava a atenção de todos. Em uma parede da casa, está uma foto dele, tirada em 2004, ano em que se formou e representou o país nas Paralimpíadas de Atenas. Agora, dentro do ambiente escolar, nos temos muitos alunos com deficiências parecidas. Hoje eles procuram a escola, inspirados pelo Oscar – declarou o professor McBride²⁰.

Parte-se da ideia de que o deficiente chegou a uma posição de prestígio depois de passar por uma morte simbólica acarretada por alguma tragédia/acidente ou pela superação de uma condição de deficiência inerente a ele desde o nascimento. Pela posição de prestígio assumida eles passam a ser exemplo para todos.

17 Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2012/08/apos-levar-vaga-no-tapetao-africa-do-sul-tera-pistorius-fechando-o-4x400m.html>. Acesso: 10 de fevereiro de 2013.

18 Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/08/pauta-de-videos-afp-hd-223.html>. Acesso: 10 de fevereiro de 2013.

19 Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/resumo-do-dia/noticia/2012/08/londres-dia-8-oscar-pistorius-e-fabiana-murer-sao-inverossimeis.html>. Acesso: 10 de fevereiro de 2013.

20 Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/programas/sportv-news/noticia/2012/08/oscar-pistorius-os-primeiros-passos-de-um-atleta-que-entra-para-historia.html>. Acesso: 10 de fevereiro de 2013.

Trazidos “a luz”, à exposição, os paratletas são considerados exemplos de superação e usufruem de algum reconhecimento social devido a todo seu empenho e sacrifício em se inserirem na sociedade por meio da prática de esportes adaptados – que em sua versão convencional encontra legitimidade justamente pelo ideário da sobrepujança (GONÇALVES, ALBINO e VAZ, 2009, p.154).

Imbricado a este discurso emergem outras vozes em que fica nítida a espetacularização do corpo deficiente no paradesporto na medida em que é criada e exaltada a *estética da anormalidade* oriunda da exposição dos mesmos. Aliada, como acima descrito, ao discurso da piedade e da superação. Urge o pensar de outras possibilidades de cunho histórico no que tange os signos da deficiência, bem como dos signos que mediam os jogos tensivos da inclusão/segregação. Na ânsia de ampliarmos os modos de perceber o esporte e o paradesporto para além do que Pistorius nos oportunizou intuir, trazemos ao texto uma reflexão de Galeffi (2012, p.24):

A pergunta pelo como fazer para que a inclusão do outro em sua diferença aconteça de forma imperativa, é a pergunta que desvela o modo de ser humano em seu contexto cultural e histórico. A cultura humana e sua historicidade é o foco da pergunta. O que descortina o modo de ser da exclusão. Em nome de que se exclui? Pela evolução da espécie? Exclui-se pela imperativa lei da seleção natural das espécies? Em nome de qual realidade a exclusão do diferente opera?

Por fim, nas reportagens que encerraram a participação de Pistorius nas Olimpíadas de Londres foi feito um agendamento para a Olimpíada do Brasil, que vai ocorrer na cidade do Rio de Janeiro em 2016. Pistorius anuncia que quer participar das Olimpíadas no Brasil e já anuncia que ela será a última de sua carreira, pois já estará com 29 anos.

Sobre os próximos Jogos Olímpicos, no Rio de Janeiro, Pistorius já deixou seu recado: espera estar presente. E fez rasgados elogios ao Brasil. – Vou participar certamente. As Olimpíadas de 2016 serão as últimas para mim. O Brasil é um país surpreendente e vibrante, e tenho certeza de que serão palco de Jogos Olímpicos e Paralímpicos com o seu jeito. Será como um grande carnaval²¹.

21 Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2012/08/biamputado-pistorius-dos-400m-em-londres-nao-passa-final-dos-400m.html>. Acesso: 10 de fevereiro de 2013.

Como podemos observar, Pistorius realmente fez e faz história: foi o primeiro velocista amputado – paratleta – a competir os Jogos Olímpicos entre atletas “normais” em Londres/2012. Ao mesmo tempo, logo após as Olimpíadas/2012, quando da realização dos Jogos Paraolímpicos, Pistorius teve uma atitude pouco pura para os valores esportivos, quando foi vencido na prova dos 200 metros rasos pelo também biamputado, o brasileiro Alan Fonteles, alegando que a vitória deste só ocorreu porque suas próteses eram mais longas que o permitido, conferindo-lhe maior vantagem e por isso sua vitória.

6.5 Corpo híbrido: onde está o limite?

A partir de agora, trazemos para discussão os dados encontrados no *Portal Globo.com*, onde foram encontrados 49 registros jornalísticos sobre Oscar Pistorius no período de 20 de julho a 20 de agosto de 2012. De todas essas reportagens encontradas, 22 mencionavam Pistorius fazendo alusão a sua condição corporal híbrida – caracterizando seu corpo, falando das próteses, trazendo metáforas a fim de caracterizá-lo.

Identificamos em tais reportagens 10 ocorrências que caracterizava Pistorius a partir do seu corpo híbrido. Para uma exemplificação, abaixo apresentamos três recortes de nossa coleta de dados:

[...] Com pernas protéticas, corredor é liberado para revezamento²².

[...] Pistorius, que nasceu sem a fíbula das duas pernas e usa uma prótese de lâminas de fibra de carbono para correr²³.

22 Disponível em: <http://extra.globo.com/esporte/com-pernas-proteticas-corredor-liberado-para-revezamento-5655650.html>. Acesso: 13 de Julho de 2012. Acesso: 10 de fevereiro de 2013.

23 Disponível em: <http://extra.globo.com/esporte/londres-2012/biamputado-pistorius-faz-historia-se-classifica-para-as-semifinais-dos-400m-rasos-5691169.html>. Acesso: 13 de Julho de 2012. Acesso: 10 de fevereiro de 2013.

[...] A diferença é que ele não tem as duas pernas. Corre com próteses²⁴.

Assim, Pistorius com seu corpo híbrido dissolve as barreiras entre carne e próteses, homem e objeto técnico:

A heterogeneidade de que é feito o ciborgue [corpo híbrido – Pistorius] – o duro e o mole, a superficialidade e a profundidade – invalida a homogeneidade do humano tal como o imaginamos. A ideia do ciborgue [híbrido], a *realidade* do ciborgue [...] é aterrorizante, não porque coloca em dúvida a origem divina do humano, mas porque coloca em xeque a originalidade do humano (TADEU, 2009, p. 13-14).

Inclusive, por seu hibridismo, Pistorius é metaforicamente chamado de “*Blade Runner*”, que significa “corredor lâmina”. Essa caracterização se deve ao fato de suas pernas de fibra de carbono se assemelharem a duas lâminas. Em 15 ocorrências visualizamos a metáfora *Blade Runner* (corredor lâmina) na tentativa de caracterizar “o estranho” em meio aos “normais”. Podemos visualizar isso nos trechos abaixo tirados das reportagens:

[...] Pistorius, apelidado de “*Blade Runner*” (literalmente “corredor de lâminas”, em referência ao formato de suas próteses) [...] ²⁵.

Blade Runner será o último do país a disputar o revezamento nesta sexta feira²⁶.

Por conta da biotecnologia, Pistorius teve seu “destino” modificado. De um corpo deficiente a tecnologia fez nascer um atleta que atinge marcas dignas de participação em competições em nível

24 Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2012/08/tristeza-demurer-e-estreias-de-bolt-e-pistorius-o-sabado-do-atletismo.html>. Acesso: 10 de fevereiro de 2013.

25 Disponível em: <http://extra.globo.com/esporte/pistorius-sera-terceiro-correr-em-revezamento-sul-africano-5740258.html>. Acesso: 10 de fevereiro de 2013.

26 Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2012/08/apos-levar-vaga-no-tapetao-africa-do-sul-tera-pistorius-fechando-o-4x400m.html>. Acesso: 10 de fevereiro de 2013.

mundial com atletas considerados normais. Assim, o corpo do atleta Oscar Pistorius:

Tornou-se alvo de investimento e, na articulação entre várias áreas do saber, deu origem a um ser híbrido de carne e fibras de carbono. Aos moldes da eugenia do século XIX, o atleta sul-africano jamais se tornaria um emblema de “homem puro-sangue”, sobretudo porque nasceu marcado por uma má-formação congênita. Entretanto, sob os imperativos da neoeugenia, sua mazela foi extirpada e sua “deficiência” suplantada pela tecnociência. Pistorius é o emblema da neoeugenia ao potencializar seu corpo para além de suas condições “puramente” humanas (GOELLNER e SILVA, 2012, p.197-98).

Um dos motivos que gera polêmica no âmbito do atletismo em relação ao corpo híbrido de Oscar Pistorius é exatamente o fato de suas próteses se assemelharem a duas lâminas, o que supostamente pode causar risco aos demais atletas. Três matérias noticiavam esses possíveis perigos caso houvesse um contato físico de Pistorius com outro atleta, como nos mostra o trecho abaixo:

A instituição [Federação Internacional de Atletismo] antes alegava que as próteses de fibra de carbono que Pistorius usa nas duas pernas poderiam se enganchar com os pés dos adversários a partir da segunda volta, já que os corredores deixam suas raia após a primeira volta²⁷.

Exatamente por isso que no revezamento 4x400²⁸, Pistorius, no Mundial de Atletismo de 2011, correu como “primeiro atleta” de sua equipe. Na prova de revezamento 4x400, o primeiro atleta corre dentro de sua raia, o segundo corre os 100 primeiros metros raiados para depois correr em raia livre. A partir de então, o segundo, bem como o terceiro e

27 Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2012/08/iaaf-libera-oscar-pistorius-para-correr-em-qualquer-posicao-no-revezamento.html>. Acesso: 10 de fevereiro de 2013.

28 Na prova individual de Pistorius, os 400 metros rasos, ele não tem o problema do contato físico, já que as provas de atletismo até e inclusive 400 metros são todas corridas em raia, ou seja, a regra não permite que o atleta avance para a raia adversária exatamente para que o mesmo não obstrua os demais competidores, e também para que ele não tenha vantagem de percurso.

quarto atletas, correm em raia livre. Essa caracterização da regra explica o motivo da Federação Internacional de Atletismo (IAAF) ter liberado o atleta para fazer o revezamento com a equipe sul-africana somente na condição de primeiro corredor, já que o mesmo sendo primeiro atleta não teria contato com os demais atletas pela restrição das raias. Porém, nas Olimpíadas em Londres, Pistorius foi liberado para correr em qualquer uma das posições.

No entanto, as polêmicas que mais atingem o hibridismo de Pistorius estão ligadas às (possíveis) vantagens de suas próteses. Das 22 matérias foram detectadas 03 notícias que mencionavam que as próteses utilizadas por Pistorius geravam discussão no que diz respeito a possíveis vantagens – vale mencionar que todas as três matérias anunciavam que tais próteses eram questionadas devido a possíveis vantagens, no entanto não explicitavam o motivo que gera tal vantagem. Podemos perceber isso no trecho abaixo:

[...] Sua participação nas Olimpíadas de Pequim foi recusada pelo Comitê Olímpico Internacional, que considerou que suas próteses poderia lhe dar vantagens em relação aos outros competidores [...]²⁹.

Essas possíveis vantagens poderiam enquadrar Oscar Pistorius num contexto de doping tecnológico, e é exatamente por conta disso a dificuldade de se estabelecer acordos no sentido de deixá-lo competir com atletas normais. Miah (2008, p. 53) enumera outros eventos históricos em que a tecnologia foi vista como eticamente problemática no âmbito esportivo, no que diz respeito ao doping tecnológico e a utilização de materiais:

Na década de 1980, o desenvolvimento da vara de fibra no salto com vara levou a situações que outros atletas tinham o benefício de uma vara melhor que os outros não tinham [...] uma regra semelhante foi feita com relação ao design da bicicleta superman, que ajudava na corrida por ter uma posição do

29 Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2012/08/biamputado-pistorius-avanca-semifinais-dos-400m-em-londres.html>. Acesso: 10 de fevereiro de 2013.

assento mais aerodinâmica [...]. As roupas de natação FastSkin da Speedo despertam controvérsias parecidas nas vésperas dos jogos olímpicos de Sidney em 2000 [...].

As contradições que envolvem esse tipo de doping sofrem de argumentos muito frágeis e por vezes, até contraditórios: se o esporte está pautado na lógica do rendimento máximo, por que o doping – que potencializa tal rendimento – é ilegal? O mito do doping está fundado na pureza natural, logo, “não é possível pensar o impuro se não face ao puro” (PERERA e GLEYSE, 2005, p. 62). No contexto de nosso escrito o impuro vem mascarado sob a roupagem do artificial – as próteses de Pistorius. Ou seja, não tem como se falar em doping na modernidade sem estabelecer as tensões entre o binário natural/artificial.

Essa é uma questão bastante controversa se for considerado que o uso de alguma tecnologia – droga, manipulação genética, prótese/material – parece ser imprescindível para o esporte de alto rendimento e que nele há pouco do que se poderia chamar de “natural” no que se refere à relação com o corpo – como se pudéssemos delimitar o que seria uma natureza “livre” dos condicionantes culturais da tecnologia (VAZ, 2005). Além do mais, “Não parece fácil responder por que é lícito fazer uma cirurgia plástica para aumentar a beleza, mas não intervir cirúrgica ou quimicamente para aumentar a performance esportiva”. (VAZ, 2005, p. 34)

Sendo assim, aqui novamente questionamos: o que seria uma vantagem tecnológica? Os limites entre natureza e cultura, como analisamos acima, já foram superados, até porque “não existe nada mais que seja simplesmente ‘puro’ em qualquer dos lados da linha de ‘divisão’: a ciência, a tecnologia, a natureza puras; o puramente social, o puramente político, o puramente cultural. Total e inevitável embaraço” (TADEU, 2009, p. 11).

Arriscamos afirmar que o esporte é mediado na sua totalidade pela tecnologia, ao mesmo tempo em que serve de laboratório para a mesma. O

corpo e o esporte estão fadados a uma progressão tecnológica irreversível. Material esportivo (bolas, raquetes, pistas de atletismo, gramado de campos de futebol), vestimentas (camisas, calçados, aparelhos de segurança), suplementação alimentar e fármacos (uso racional de anabólicos e hormônios, proteínas e carboidratos de alta absorção). Conforme Kunzru (2009, p.23), “Vencer os jogos olímpicos na era do ciborgue não tem a ver simplesmente com correr mais rápido”. Tem a ver com “a interação entre medicina, dieta, práticas de treinamento, vestimentas e fabricação de equipamentos, visualização e controle de tempo” (Ibid., p. 23).

Assim, adentramos aqui nos argumentos de Pistorius, defendendo que ele não possui nenhuma vantagem ao usar as próteses. Nas 22 matérias, identificamos 5 ocorrências mencionando que as próteses não dão vantagens a Pistorius. Podemos ver a seguir, trechos retirados das matérias nos quais Pistorius fala das próteses que ele usa, bem como negando as possíveis vantagens, falando inclusive que colocar as próteses é como colocar os tênis:

[...] rebate as críticas de que seu desempenho seria beneficiado pelas próteses de fibra de carbono, e pede uma chance ao público que estará no Estádio Olímpico em 4 de agosto para conferir sua performance.

- Colocar as próteses é como colocar os tênis. Entendo que algumas pessoas não pensem assim, mas espero que Londres sirva para mudar isso. Eu nunca penso sobre a minha deficiência – declarou o atleta ao jornal inglês The Telegraph [...].

- Michael não questiona a tecnologia que estou usando agora. Ele se preocupa com as próteses que poderão ser desenvolvidas no futuro. O modelo que estou usando é o mesmo desde 1996. As pessoas dizem que a tecnologia é futurista, mas não é. É feita de fibra de carbono, que já é utilizada em próteses de pernas há mais de 20 anos - argumenta o atleta³⁰.

Desta forma, percebemos a tentativa de naturalizar o uso das próteses, tanto no discurso de Pistorius, ao falar que colocar a prótese é

30 Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2012/07/oscar-pistorius-rebate-criticas-e-pede-chance-para-o-publico-em-londres.html>. Acesso: 10 de fevereiro de 2013.

como colocar o tênis, bem como no seguinte trecho que é o recorte da fala de Priscilla Sutton, organizadora de uma exposição ‘Spare Parts’ (Peças de Reserva), que é uma exposição de próteses como arte, cujo objetivo é discutir o tema das próteses artificiais. A mesma enfatiza também que Pistorius contribui de forma positiva para isso:

A curadora disse que pessoas como o atleta sul-africano Oscar Pistorius, que competiu na final da prova masculina de revezamento 4 x 400 nas Olimpíadas de Londres, também estão passando mensagens positivas sobre pessoas com próteses de membros³¹.

Para Sutton (organizadora da exposição), o uso de próteses não deve ser um tabu. Compactuamos com a organizadora da ‘Spare Parts’, ora, se o ser humano existe via corpo, ou seja, se a condição humana é corporal, subtrair ou atrelar alguma “coisa” a este corpo é de alguma forma fazer com que esta “coisa” se torne corpo – *in corpore* (LE BRETON, 2011). A prótese que prolonga – e que também passa a constituir esse próprio corpo – também dá forma ao corpo e ao ambiente correlativo.

Neste sentido, Bártolo (2007, p. 232) enfatiza que: “A prótese opera então por corporização a partir de si. Ela é o ponto-central da corporização. Quando me é colocada uma mão protésica [ou uma perna protética] o meu corpo é, como vimos, corporizado a partir dela, ela constitui-se como Órgão-Corpo”.

Detectamos também em uma reportagem que o apelido “*Blade Runner*”, usado para caracterizar Oscar Pistorius, se estendeu para representar corredores que fazem uso de próteses artificiais, bem como sua participação nas Olimpíadas pode abrir espaço para outros “*blade runners*” participarem de outras corridas, como é o caso da Maratona de Boston:

A presença do biamputado Oscar Pistorius nos Jogos Olímpicos de Londres começa a provocar consequências nas regras do atletismo.

31 Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/08/exposicao-mostra-proteses-de-membros-transformadas-em-objetos-de-arte.html>. Acesso: 10 de fevereiro de 2013.

Os organizadores da Maratona de Boston - a corrida anual mais antiga do mundo - acenaram positivamente para a participação dos *'blade runners'* (apelido do sul-africano que foi estendido para atletas que usam próteses nas pernas) a partir da próxima edição da prova, em 2013³².

Desta forma, acreditamos não ser mais possível parar a tecnologia e nem perceber os limites onde começam as máquinas e onde terminam os humanos, pois "[...] é no confronto com clones, ciborgues e outros híbridos tecnoculturais que a 'humanidade' de nossa subjetividade se vê colocada em questão" (TADEU, 2009, p. 10).

Assim, pensar a relação entre o corpo e a máquina, entre sujeito e objeto, e buscar entender de que forma se estabelecem identidades e significados sociais e culturais, que não desfrutavam da visibilidade hegemônica, remete-nos a olhar para práticas e fenômenos sociais que, apesar de terem uma inegável dimensão cultural, parecem residir em uma zona de pouca visibilidade e aceitação (NOVAES, 2009, p. 166).

Permanecer preso ao dualismo "natural/artificial" só nos faz "analfabetos" neste nosso momento histórico (modernidade) – no contexto do corpo híbrido. Logo a metáfora de Jean Baudrillard é perfeita para transcendermos tal *episteme*³³:

Como na história do ilusionista forçado, no palco, a tornar artificialmente mecânicos os seus gestos para diferenciar-se do autômato com o qual divide a cena, cujo comportamento perfeito impede a distinção entre homem e a máquina (BAUDRILLARD, 2011, p. 150).

Como tal, perceber que ambos – ilusionista e autômato – fazem

32 Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/atletismo/noticia/2012/08/com-efeito-pistorius-maratona-de-boston-pode-aceitar-amputados.html>. Acesso: 10 de fevereiro de 2013.

33 Na menção de Veiga-Neto (2004), Michel Foucault designa a episteme como sendo categorias que usamos para definir e dividir o mundo social, constituindo verdadeiros sistemas que nos permitem pensar, ver e dizer certas coisas, ao mesmo tempo em que impede de ver e dizer tantas outras. A episteme funciona informando as práticas (discursivas e não discursivas) e dando sentido a elas. Ao mesmo tempo, a episteme funciona também em decorrência de tais práticas.

parte de um só movimento é transcender a ideia do dualismo para o uno fundido. No entanto, reinventar tais *epistemes* ontológicas que envolvem o corpo é parte da criação de novas metáforas para se olhar para o mesmo – uma reeducação do olhar. Isso tudo, porém, é próprio/inerente da condição humana, condição que reiteramos só existir *na e pela* linguagem.

Podemos afirmar que só nós temos corpo, e este está na linguagem, no mundo (não é um “dado”). É possível assim termos vários corpos, e eles se constituem para nós em conquista, da mesma forma que o homem conquista o seu próprio ser (FENSTERSEIFER, 2004, p. 293).

Considerações finais

Um sujeito fadado à “incapacidade” figurando entre atletas que são vistos e anunciados como sendo o ápice da perfectibilidade humana em questões de rendimento – técnica, força e velocidade – só é possível graças à potencialização humana gerada pelas biotecnologias que oportunizam ao corpo a realizar coisas das quais a sua própria estruturação biológica/natureza não seria capaz de oportunizar. Porém, será que as novas configurações humanas geradas por estas biotecnologias já encontram os esquemas de percepções à altura de seu tempo?

A participação de híbridos em meio aos “normais” pode ser vista como mais uma ferramenta a contribuir com a construção da cultura e do *ethos* inclusivo. Para tal, a diferença precisa ser um dos mais nobres pilares para a convivência humana. Além do mais, o discurso ético e moral do corpo, do esporte e do doping passam por questões que envolvem o entendimento dos limites ontológicos sob os quais entendemos o ser humano, e neste sentido Pistorius também é central.

O caráter aparentemente enigmático que Pistorius veio dar ao desporto ao misturar deficiência com a re/significação do humano com a máquina/tecnologia requer de nós muito mais que um simples “aceitar”. Requer uma abertura para a percepção de diferentes níveis de realidade e de diferentes níveis de percepção.

Referências

ANDRADE, A.C. “Oscar Pistorius – ‘The blade runner’ – e a questão do pós-humano”. **Revista Digital Hipertextus**, vol. 03, jun. Recife/PE. 2009.

BÁRTOLO, J. **Corpo e sentido**: estudos intersemióticos. Covilhã: Livros Labdom, 2007.

BAUDRILLARD, J. **Tela total**: mito-ironias do virtual e da imagem. Organização e tradução de Juremir Machado da Silva. 5 ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

CARMO, A.A. Atividade motora adaptada e inclusão escolar: caminhos que não se cruzam. *In*: RODRIGUES, D. **Atividade motora adaptada**: a alegria do corpo. São Paulo: Artes Médicas, 2006, p.51-62.

CONTRERAS, R.C. Ontología y epistemología cyborg: representaciones emergentes Del vínculo orgânico entre el hombre y la naturaleza. **Revista Ibero Americana de ciência, tecnologia y sociedad**. n.19, vol,7, pág. 131-141, diciembre de 2011.

COSTA, A.M.; SOUSA, S.B. Educação Física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas/SP, v.25, n.3, p. 46-56, maio de 2004.

FENSTERSEIFER, P.E. Corpo e linguagem. *In*: STREY, M.N.; CABEDA, S.T.L. (orgs.) **Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar**. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.289-30, 2004.

FOREST, M.; PEARPOINT, J. Inclusão: um panorama maior. *In*: MANTOAN, M.T.E. **A integração de pessoas com deficiência**: contribuições para uma reflexão sobre o tema. São Paulo: Memnon, p.137-41, 1997.

GALEFFI, D.A. Transdisciplinaridade e inclusão. *In*: SOUZA, V.R.M. *et al.* **Inclusão escolar e deficiência**: utopia? Aracaju: Criação, p. 23-40, 2012.

GOELLNER, S.V.; SILVA, A.L.S. Biotecnologia e neoeugenia: olhares a partir do esporte e da cultura fitness. *In*: COUTO, E.S.; GOELLNER, S.V. (orgs). **O triunfo do corpo**: polêmicas contemporâneas. Petrópolis: Vozes, p.187-210, 2012.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GONÇALVES, G.C; ALBINO, B.S.; VAZ, A.F. O herói esportivo deficiente: aspectos do discurso em mídia impressa sobre o Para-panamericano 2007. *In*: PIRES, G. De L. (org.) **“Observando o Pan Rio/2007 na mídia”**. Florianópolis: Tribo da ilha, p.149-167, 2009.

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. *In*: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. (orgs.) **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, p. 33-118, 2009.

KUNZRU, H. “Você é um ciborgue”: um encontro com Donna Haraway. *In*: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. (Org.) **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, p. 17-32, 2009.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas/SP: Papirus, 2003.

MIAH, A. **Atletas geneticamente modificados**: ética biomédica, doping genético e esporte. Tradução de Débora Balancin. São Paulo: Phorte, 2008.

MINAYO, M.C. de S. (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 29ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

NOVAES, V.S. A performance do Híbrido: corpo, deficiência e potencialização. *In:* COUTO, E.S; GOELLNER, S.V. **Corpos mutantes: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais.** 2 ed. Porto Alegre: UFRGS, p.165-179, 2009.

PERERA, E.; GLEYSE, J. O doping ao longo do século XX na França: representações do puro, do impuro e do segredo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n.1, p. 55-74, set. 2005.

SANTAELLA, L. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura.** 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2004.

SERRES, M. **Hominescências: o começo de uma outra humanidade?** Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

TADEU, T. Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano. *In:* HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. (Org.) **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 7-15.

TEIXEIRA, D.V. A ética no discurso do jornal Zero Hora sobre as mudanças climáticas. 98p. **Dissertação.** Rio Grande: UFRG. Programa de Pós-graduação da COPES, Rio Grande, 2008. Disponível em: <http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/cp075260.pdf>. Acesso em: 29/10/2011.

THOMPSON, J. **Ideologia e Cultura moderna.** Petrópolis: Vozes, 1995.

TRINDADE, A.L. da. Do corpo da carência ao corpo da potência: desafios da docência. *In:* GARCIA, L.G. (org.). **O corpo que fala dentro e fora da escola.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, p.65-88, 2002.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais.** São Paulo: Atlas, 2010.

VAZ, A.F. Doping, esporte, performance: notas sobre os "limites" do corpo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.27, n.1, p. 55-74, set. 2005.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & a educação**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica: 2004.